

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a corte, e 60000 rs. para fóra, pagas adiantadas, e tambem na praça da Constituição n. 64. Na avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

Aos nossos leitores.

As folhas diarias augmentam em julho o preço de suas assignaturas; ha muito que o deviam ter feito, mas ainda agora mesmo, fazendo-o, cahiram no erro de eleva-las a 240000 rs., quando devia ser a 250000 rs., não só porque isso facilitaria mais o troco, e não poria em embarços os cobradores, como porque ainda assim não poderão dar aos seus operarios o augmento conveniente, e logo que lançaram mão deste recurso, fizessem-o de modo que os livrassem das embarços em que de novo hão de *forçosamente* cahir, pois 40 rs. em uma assignatura não é augmento sufficiente para acudir ás despezas de composição, impressão, papel, tinta, direitos da alfandega, estrago de typos, entregadores, redacção, revisão, &c., &c.

A *Marmota*, porém, não podendo proceder do mesmo modo, porque não é uma *necessidade*, como o *Jornal do Commercio*, o *Mercantil*, o outros, pede a seus leitores, em uma circular que lhes distribuo, dous nomes apenas, duas assignaturas, sem o que publicará o seu ultimo n. no ultimo dia de junho.

Querendo ainda que aquellas pessoas que se interessarem pela continuação desta folha tenham uma compensação dos serviços que assim nos prestarem, garantimos-lhes o seguinte:

POLETTI M.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 342.)

— Meu irmão, bradou a filha dos brancos levantando-se quando vio a attitude bellica do *homem grande*; peço-lhe que desculpe Iphigenia. Ella tem por mim tanto zelo, que muitas vezes o leva a um extraneo de imprudencia; é o seu modo de affeição; não tem idéa mesmo do respeito devido á sua pessoa; sua alma é generosa e boa; se pensasse que nisso commettia uma falta, ella não a praticaria.

— O que me admira, senhora, é a sua paciencia! Deve ser mais austera para com os seus escravos.

— Quem nos der duas assignaturas novas, de julho a dezembro, e realizar a importancia dellas (100000) nas nossas casas, rua do Cano n. 44, ou praça da Constituição n. 64, terá de premio — Um volume da *Questão de Dinheiro*, por A. Dumas filho, traduzida pelo Sr. Dr. J. J. da Rocha.

— Quem nos der quatro assignaturas, e realizar a importancia dellas (200000), com ácima fiza dito, terá mais — *O Primo da California*, comedia do Sr. Dr. Macedo.

— Quem nos der seis assignaturas, e realizar a importancia d'ellas, (300000) terá, além dessas duas obras, mais o — *Phantasma Branco*, do mesmo Sr. Dr. Macedo.

— Quem nos der dez assignaturas (500000) e realisá-las na forma dita, além dos tres obras ácima, terá mais as — *Fabulas de Esopo*, em verso rimado, ou, por todas ellas, um volume, brochado, da — *Confederação dos Tamoyos*, do Sr. Magalhães.

Sem este recurso, ou algum outro favor que lho seja feito, a *Marmota* suspende a publicação.

POR UM CHARUTO

Novella

por

LESTOURGIE.

(Conclusão.)

O coronel estava como um possessio! O peor de tudo era que não tinha nem uma ponta de charuto para fumar ou mascar.

— Ah! senhor, bem vê que eu não conto esta pobre mulher no numero das outras familias; ella teve tantos cuidados na minha infancia, e trata-me com tão dedicada affeição, que não a posso confundir com os mais.

— Todavia, sua bondade não a deve impedir que lhe faça conhecer a sua condição. Ella toma tres aros do direito sobre a sua pessoa... isto é indisculpavel!..

— E' pura dedicação; creia-me.

— Não acredito em dedicação de escravos. O que suppe dedicação, senhora, é pura malicia. Algum fim tem esta mulher, que a obriga a representar este papel.

— D. Narcisa sentio-se ferida no coração, ouvindo assim tratar a essa generosa criatura que tantas provas do affeição e dedicação havia dado. Uma dor profunda a embargou do fallar e teve asco desse homem cynico que tão levemente profanava tudo quanto era puro.

Houve um momento de silencio, durante o qual o fidalgo observava todo o aposento, e parecia admirar a ordem e mesmo o gosto do arranjo dos objectos. Podir-se-hia dizer que sua irmã morava em uma habitação

— Estou roubado, gritou elle vão chamar o juiz de paz, a policia... Isto não ha de ficar assim... com mil bombas!

E não tendo nada para mascar, mordida os dedos.

— Mas, disse Francisco, se meu coronel quer, vou a Halois buscar charutos.

Esta proposição era cruelmente ironica, porque eram já dez horas da noite, e o coronel se deitava sempre ás nove. Seria preciso que sua perturbação e sua raiva actuassem mais fortemente sobre elle para que assim deixasse seu habito de tantos annos. Ganhou pois seu leito, mas não pôde dormir e levantando-se ao amanhecer, chamou Francisco.

— Vai á toda pressa a Halois e traze-me um ceato de charutos. Senão estiveres de volta em uma hora, quebro-te um braço.

Francisco partiu como um despacho telegraphico e foi... contar a aventura ao Sr. Chateauluc. No fim de uma hora entrava em casa.

O coronel estendeu-lhe a mão.

— Nada, senhor, nada.

— Como, nada? Então d'onde vens tu, miseravel!

— Venho de procurar charutos; mas não ha um só em Halois!

— Com mil bombas! apostaram-se todos em me affigir... Eu te quebro um braço! Responde-me: pagaram-te para me matar?... Onde estão meus charutos?

— O Sr. coronel não está pensando no que diz, respondeu Francisco com certa dig-

sumptuosa n'aquelle deserto. A pobre India para não expor e em sua presença sua senhora ainda mais á colera do *homem grande*, havia-se retirado; porem vigiava a dozeella, como a leão vigia o filhinho. Dom Martim, depois de observar tudo com attenção, chegando mesmo a parar defronte de alguns moveis, e a tocá-los, perguntou á irmã com tom mais tranquillo:

— E' tambem a vossa India, senhora, que vos serve aqui?

— Somente ella, meu irmão aqui entra. O seu zelo por mim não permite que outra pessoa tenha parte no meu serviço.

— Bem; é uma escrava prestimosa. Deveis ter tido bastante trabalho em ensinal-a, porque estou certo que não foi na sua tribu que ella aprendeu a bom servir-vos.

— Des jo, senhor, que façais justiça a Iphigenia, tornou a moça indignada pelo tom que dava seu irmão á sua ironia cruel; ella é intelligente, e sua bondade, sua dedicação mais de uma vez se tem mostrado a provar-me a sua grandeza d'alma. Muito desceria eu, que a estimasseis, como ella o merece; supplicar-vos-hia mesmo, meu irmão, que a conhecesseis melhor, porque não

nidade. Venho como bom criado fazer tudo quanto o possa satisfazer e me recebe assim?

O coronel tornou-se mais calmo.

— Mas quel nem um cigarro?

— Nada, nada; um estrangeiro comprou tudo esta manhã.

— Mas, rapaz, não podias trazer ao menos um pouco de fumo?

— Fumo?.. é verdade; não me lembrei.

Oh! mil perdões! eu parto a galope.

— Não, não; quero ir eu mesmo para vir mais cedo. Meu carro...

O carro foi preparado n'um abrir e fechar d'olhos.

— Ah! senhor, me esquecia...

— De que?

— Encontrei na volta um de nossos visinhos, a quem, tendo contado o sucedido, me encarregou de lhe offerecer charutos.

— Onde estão elles?

— Disse-me que os traria, se meu coronel os aceitasse.

— E quem é esse visinho?

— O Sr. Chateauluc.

— Vá buscá-los já... partamos.

Ao chegar á estrada real, o coronel apercebeu, a alguns passos, Octavio de Chateauluc que fumava, em sua avenida, um formidável charuto de Havana, e que para o eão lançava nuvens pardacentas de odorifera fumaça. Esta vista o fez suspirar. Mas em uma hora iria a Halois e na falta de charutos encontraria fumo, de que faria cigarro para fumar.

Desolação! Em toda essa pequena cidade só se encontrava charutos á boca, mas para vender, nem mesmo tabaco. Entrou em todas as casas e a mesma fatalidade!

— Tem tabaco?

— Em pó: quer rapé, não é assim?

— Não senhor, quero fumar; com mil bombas! preciso de charutos.

— Infelizmente, senhor, um estrangeiro esta manhã comprou tudo quanto havia para sua viagem.

— Ah! ladrão, vandalo!

O coronel parecia doente e proximo a desmaiar: tão forte era sua exasperação! Resolveu-se a entrar no seu carro e esperava encontrar um'alma caritativa que lhe desse ao menos uma ponta babada; mas quill... nin-

lho poderias negar o vosso aprego, se eu vivo, devo-o a seus cuidados.

— E se vos deve muito, senhora, por que sois muito amavel, respondeu Dom Martin com galanteio. Farei o que desejaris; deixai-ahei com nosco; ella tem um filho, fello-hei um empregado de meu serviço particular: ficareis satisfeita, bella irmã?

A joven senhora sentio como uma dentada de serpente, que lhe abria uma chaga eterna no coração ao ouvir estas palavras. Não deo uma só resposta a tão revoltante gracejo, e ficou como antes muda e quieta em sua poltrona. Ah! os seus amigos só della eram conhecidos!..

O senhor de Villar fingio não reparar no silencio de sua irmã e pensou que era tempo de dizer ao que vinha.

— Senhora, começou elle, não deseja sair deste deserto onde a sua belleza se esconde como uma flor ignorada? não deseja voltar á nossa patria, vér Lisboa, viver emfim em outra sociedade digna de a possuir?

A moça tornou-a si com estas palavras, que foram como um raio cahido a seus pés! Ellas lhe deo a conhecer o motivo da visita de seu irmão; e a nova roda de marty-

quem lhe appareceu. Ao homem mais ordinario daria a mão e pediria uma fumaça, se acaso por ali algum passasse.

Apenas sahio de Halois, á pouca distancia viu um homem que fumava em um cachimbo retorcido, de que sahiam aspiraes de negras nuvens.

O coronel encaminhou-se para elle decidido, apezar de sua altivez, a pedir-lhe um pouco de fumo.

Mas ah, maldição infernal este feliz mortal era ainda o visconde de Chateauluc!.. O coronel deu urros, e sua mão se encolheu talvez buscando a espada. Não responderia pela innocencia de suas intenções nesse momento, mas em todo o caso não teve de concluir seus vis projectos, porque o visconde delle aproximou-se polidamente com seu górrno na mão:

— Meu coronel, poderia V. S. ter a bondade de dar-me um phosphoro, se os traz consigo, dignando-se aceitar um de meus charutos?... Meus phosphoros molharam-se sem duvida, não pegam fogo, e no entanto o meu cachimbo apagon-se. Aqui estão os charutos, V. S. pôde servir-se.

E estendeu ao desesperado coronel uma magnifica charuteira de marroquim rescedente de baunilha.

A tentação era muito forte para poder resistir: o coronel succumbio.

Tomou avidamente um charuto e o levou aos beiç s, depois, mastigando-o com amor phrenetico, offereceu ao visconde alguns phosphoros. O gelo tinha-se quebrado.

Octavio seguiu o coronel até a porteira. O primeiro charuto estava consumido.

— Coronel, disse timidamente o visconde, se V. S. quizer aceitar estes vinte charutos, dar-me-hia prazer: não ha em parte alguma... e nós estamos longo de Bordeaux.

O coronel reflectio um instante.

— Fará melhor em seguir-me ao castello, disse, eu me servirei com maior franqueza de sua charuteira, e conversaremos de cousa que lhe agrada.

— Digna-se, coronel, permittir que pense na Sra. Rosinha?... Se soubesse como a amo!

— Olá! eu não duvido; Rosinha é encantadora!

rios em que cahia, de repente deu-lhe coragem para responder

— Acostumei-me de tal modo a estes sitios, senhor, que não tenho saudades de nossa patria. E para que havia eu voltar para lá? Nossa mãe e nosso pai já lá não os encontraria, e os unicos parentes que me restam estão perto de mim. Que iria eu, pois, buscar a Lisboa? Ali seria mais um deserto para mim, do que este puz.

O homem grande tinha um genio irascivel; acostumado a ser sempre obedecido, não tollerava a mais pequena recusa, e tanto mais isso o irritava, quanto era a posição ou inferioridade de quem o contrariava. E, pois, se sua irmã tivesse accedido a sua proposta complacente não teria visto as faiscas ardentes de seus olhos que se tornaram ferozes como o clarão que lança a labareda que começa a atear-se.

Passou-se um momento e depois tornou o fidalgo, dissimulando sua colera e sem rodeios:

— Pois, minha bella senhora, dou-lhe parte que muito l'ave tem de deixar estes sitios, e terá de ver Lisboa, que já lhe não merece uma lembrança...

Qual não foi a surpresa da Sra. Borois e de sua filha! Octavio as poz ao corrente de tudo; mas o coronel ainda hoje ignora esta innocente intriga.

O casamento fez-se dous mezes depois, e o coronel é hoje muito feliz: não fuma mais charutos.

— O que é a felicidade, diz algumas vezes Rosinha a seu marido: quando penso que todo o meu risinho porvir dependia de tão pouca cousa, que tinha por alicerce a fumaça de um charuto, e que finalmente por um charuto obtivestes a minha mão!..

O cavalheiro tinha apenas terminado a sua historia, quando Aleixo e os outros senhores entraram.

Como ainda os achasse rindo, quizeram saber a causa.

— Minhas senhoras, disse o cavalheiro com um tom grave, para punição destes senhores, guardai segredo sobre esta aventura, eu vos peço; que elles nunca a conheçam. E quando alguns vezes desviarem-se do bom caminho conjugal, applicai-lhes a receita de Francisco.

As senhoras prometteram, e eu acho que ellas cumpriram sua palavra, o que não me acontece, que para bom de meu sexo divulgo hoje o segredo.

AVISO AOS FUMANTES.

Não vos deixeis illudir e nem tão pouco sacrificar grandes cousas, trocando, como Esau, seu direito de antiguidade... — por um charuto.

FIM.

(TRAN. DO BRAULIO CORDEIRO.)

Gabinetes de segredo.

Tem-se publicado curiosas descripções dos gabinetes de physica e de historia natural mais conhecidos; pouco, porém, se sabe entre nós, do que chamavam os antigos gabinetes de segredo.

A construcção destes gabinetes é tal, que a voz de quem falla, cochicada, é ouvida de um lugar a outro, a certo ponto de vista.

Todo o artificio disto consiste em que a parede, de encontro á qual se falla, seja compacta, lisa, e formada em clypsos.

— Pois meu irmão deixa este lugar? perguntou a moça (treinando de incerteza, entre a duvida e a realidade.

— Eu não, senhora; porém a senhora, sim, o deixará.

— Faça-lhe tanto peso, senhor, que me quer atirar para longe de si? Lembra-se do pedido que lhe fez nossa mãe á sua ultima hora...

— Para cumprir o pedido de nossa mãe, minha bella irmã, é que a enviarei a Lisboa, e láo bem acompanhada, que nossa mãe no eão me hade bendizer por isso! Vou casar com o coronel Pedro Paulo; estou certo (acrescentou com malicia) que tambem a senhora approvará esta minha resolução.

A donzella ficou pallida como a morte. Ao principiar o dialogo ella tinha previsto o fim de seu eruel irmão; porém agora que ouvia pela primeira vez essas medonhas palavras da boca do sceptico fidalgo, ella sentia o que sente o condemnado ao ouvir ley a sentença, muito tempo esperada.

(Continua.)

A prisão de Diniz de Syracuse tornava em rumor consideravel o fallar ainda o mais baixinho de qualquer pessoa; o aqueducto de Claudio levava a voz de qualquer a dezeseis milhas!

O zimbório da igreja de S. Pedro, em Roma, tem a propriedade de fazer que se ouça as pancadas da mola de um relógio de algebeira, e isto de um a outro lado do largo espaço que tem!

Em uma igreja de Gloucester ha uma galeria onde duas pessoas, que falem baixinho, são ouvidas na distancia de vinte e cinco toezas!

O observatorio de Paris offerece um destes gabinetes que tem a propriedade de levar os sons de uma á outra extremidade, que não é pequena.

TARDES DE UM PINTOR OU INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez o anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924.)

Volume III.

(Principiou no n. 947.)

CAPITULO XVI.

DO MAIS QUE SE SEGUIU.

Como essas bellas nuvens de purpura, e d'ouro com que a apavonada aurora esmalta o azul dos céos; como o estremecer saudoso, e mago da suave aragem da manhã; como o suspirar voluptuoso e enamorado da fresca briza da tarde; como os magicos encantos das fragancias, e coloridas flores; como os sons melodiosos de harmonicos, e quasi celestiaes cantares; como as bemaventuradas imagens, e supremos gostos dos sonhos dos desgraçados; como o risos innocentes da infancia; assim os encantados dias de uma juventude innocente passam! passam, e talvez para mais não voltarem! passam, e não deixam após de si mais que suas terrissimas saudades, as dolorosas, e afflictivas lembranças do feliz tempo em que duraram, que são e são robustas imagens desses passados bemaventurados; imagens robustas tão intima e tão dolorosamente gravadas no fundo do coração, e que a todos os instantes assoborham a imaginação, fazendo vergar a alma debaixo de seu angustioso peso; penalizando-a pelas saudades do passado, affligindo-a pelas amarguras do presente, e atormentando-a pelas incertezas do futuro!

Onde existe hoje essa innocente Clara, bella, como o bello jasmim da noite, mais pallida, e melo morena, como uma estatua de marfim que durante algum tempo se viu exposta aos soes ardentes de Janeiro, e ás frias chovas de Junho? Onde estão essas bellas tranças de seu negro cabelo, que ella com tanto afan, que ella com tanto gosto tocava todas as tardes, estudando sempre uma maneira nova para encantar mais, e mais no seu querido Julianno? Onde estão esses grandes olhos negros, que com tanto brilho luziam em seu rosto, como luz no céu a bella estrella da tarde? Onde existem hoje esses animadores sorrisos, que de sua bocca, formada de uma rosa meio-aberta,

pendiam com tanta graça, estremeçando a flôr de seus roseos labios, e se escorregando voluptuosos por sobre a bemfeita punta de sua barba, ou se escondendo nas covas, que elles mesmo abriam em suas brancas faces, ou se escoando saudosos pelo ligeiro vinco, que elles mesmos fizeram em sua barba? Onde estão esses deliciosos quadros de futuros prazeres, que na sua alma tão enamorada, e tão perdida de amor trazava tão apaixonada quando sua devaneada phantasia se entregava inquieta ás idealidades de seu terno amor? Onde existem esses sonhos d'aurora, bellos, como a messma aurora, dourados, como ella, e tão cheios de amor, de encantos, e de esperanças, como aquella mesma, que tão suavemente os sonhava? Que é feito dessa belleza de flor? Que é feito desse amor de rôla? Que é feito dessa esperança de virgem?

A belleza se esvaeceu como a belleza da flôr! O amor geme saudoso, como o amor da viuva rôla! Ah! só a esperança! a esperança só resta, essa torna, o sandoso esperança de virgem, que tem seu coração no meio dos combates, onde entre o fúnebre e terrível apparato da morte peleja o eleito de seu amante coração!

E pois, a filha de Paulo não é já aquella encantadora Clara tão cheia de vida, de prazeres e de bellezas!

Agora só, no meio de suas escravas, dos balcões de suas janellas, seus olhos já não brillam sobre a rual Estranha a tudo quanto se volve em torno de si, ella não toma parte em prazer algum! Ou não vive, ou vive com uma unica idéa e para um unico objecto: essa idéa é amor, e esse objecto é Julianno. Passavam se assim dous, e tres dias, sem que a bella moça curasse de seu cabelo; dest'arte emmagreceu, e seu rosto cobriu-se de uma pallidez mortal.

Apezar da negação de Clara, o padre Roberto ia vela muitas vezes; notamos que Clara nada sabia a respeito de seus attentos para com Julianno; Julianno só havia revelado isto a seu tio e a seu irmão.

Um mez, pouco, mais ou menos, depois da partida de Julianno, Roberto, achando-se com Paulo, fallou-lhe nestes termos:

— Meu amigo, visto que Julianno partiu, e que estamos livres de sua presença, quero fallar-vos, e permiti-me que o faça com a minha costumada franqueza.

— Fallai, padre; eu me offenderia se não fosseis franco comigo: bem sabeis o quanto sou vosso amigo.

— E' a respeito deste casamento de Clara, com Julianno.

— Desejo muito ouvir-vos.

— Ha não pouco tempo que somos amigos, e ha não pouco tempo que me receeis familiarmente em vossa casa. Por minha força de sympathia, ou de excessiva bondade vossa, vós me tendes communicado todos os vossos segredos, vossos negocios, etc; e segundo penso, posso lisonjar-me de que até o presente não tendes tido reserva alguma para comigo; e sempre que tendes pedido meus conselhos, tenho sido franco, leal, e verdadeiro amigo, para com vós: tenho pois vos aconselhado sempre, segundo melhor me dicta a minha inteira consciencia: será assim?

— Sem duvida, do que vos sou muito devedor.

— Nada me deveis, que vós mereceis tudo.

— Fallemos pois a respeito do Clara.

— Sim, fallemos. Pergunto-vos se estaes resolvido a d. J. a Julianno.

— Eu não deixo de estar comprometido, e não sei o que deva fazer.

— Entendo que nenhum comprometimento tendes.

— Nenhum comprometimento?

— Sim. Desde o ferimento de Leoncio esse comprometimento desappareceu. Ninguém está obrigado a ligar-se por nenhum título com uma pessoa manchada, seja qual for essa mancha. E a honra aconselha, ou antes obriga, a annullarmos um contracto, em consequencia do qual nos deviamos ligar em parentesco com um homem, que depois a voz publica apregoou como assassino, embora elle esteja innocente, porque se uma meia duzia de pessoas bem intencionadas acreditam nessa innocencia, a mór parte de outras não acreditam, por isso que somos todos mais inclinados a crer antes no mal, que no bem.

— Isso é verdade!

(Continua.)

Uma pagina do meu livro.

Á M. M. Monteiro

alumno do sexto anno, do Episcopal Seminario de S. José.

No vulcão roitado lá do inferno
A aurora minha emnegreceu de todo.
G. A. P. E. S. A.

No jardim d'esperança é morto o lyrio;
É saudade carpio allí minh'alma;
Exequias tributou-lhe a voz d'aragem...
Que profundo sudario! é tudo calma!

Febris insomnias d'essas horas tristes,
Banhei em risos que a loucura presta;
A esperança a desgraça... hydras do tempo,
Lutaram pela treva: o que me resta?!

Reflexo sem esplôr d'um sol mentido,
Tal mostrou-se o porvir a custo, a mêlo!
Ave cussadi devassando a spago
Não podia avançar... cahiu tão cedo!

Como a Niobe testemunha a ruina,
Eu vi a uma as illusões desfleitas;
Anjo das trevas acompanhei as sombras
De mil phantasmas, mas eram imperfeitas.

Brama do inverno no oceano a esmo
Foi-me a ventura pelo mar da vida;
Ao céu de meu scismar é morto o astro,
Mentio-me! e como este... tu mentida!

Caminhante d'Oman lá foi sem trilho
Perdido no arenal: allí chorei!
Como s'ry re secular não tive orvalho
Ludibrio do tufão! porque? não sei...

Um surdo gemido no seio da noite
Correu... extremou-se nas azas do vento;
A zona era extranho... peregrino da terra
Semi-morto proscripto morreu ao relento!

Navegante perdido não tive horizonte,
O baixel foi a nuvem que fraca extinguiu-se;
Que pégo d'abyssos! assim minha estrella
Como perola no mar... surgiu e sumiu-se!

Funéreas fibras d'um alaúde rouco,
Tacs meus prazeres na estação da vida!
Meu passado banhei em mar de lagrimas....
Mendigo quero um nome! a fé descerida!

Rio 25 de Julho.

J. J. Pessanha Povoá Cay-Uby.

Teus olhos.

Teus olhos, donzella,
Tem brilho e fulgor,
São astros luzente,
D'immenso esplendor.

Tous olhos, donzella;
Em mim se cravaram,
Suos chammaes tão vivas
Meu peito queimaram.

Teus olhos, donzella,
Qual sol a brilhar,
Tornaram-me escravo
C'um simples olhar.

Teus olhos, donzella,
De summa viveza.
Retratam dos Anjos
A extrema belleza.

Teus olhos, donzella.
Me fazem pensar,
Por elles meu peito
Eu sinto pulsar.

Teus olhos, donzella,
Ai! volte-os p'ra mim;
Não digas que não;
Ai! dize que sim!

S. Paulo 1858.

Antonio Manoel dos Reis.

Não posso amar-te.

Se eu pudesse, Adelaide! amar teus olhos,
Belles e lindos, como lindo é o dia,
Podéra inda sentir a flicidade,
Inda tivera instantes de alegria.

Se eu pudesse te amar, bella Adelaide!
Meu futuro a teus pés pudesse pôr,
Feliz me julgaria. Um Deos na terra
Seria, por sentir tão doce amor!

Se eu pudesse de mauzo a ti chegar-me,
A teus ouvidos sem temor fallar,
Te dissera: Meu anjo, a ti só amo,
Sou feliz, doce bem, só por te amar.

Se eu pudesse gozar perpetuamente
A vista de teus olhos tão galantes,
Me julgára no termo da ventura,
O rei julgára ser dos mais amantes.

Se eu pudesse morar nesses teus olhos,
Bellos, brilhantes, de tão negra côr,
Passára a vida n'um gozar perpetuo,
Passára a vida n'um constante amor!

Mas nada posso, que o amar-te, oh bella!
Seria extrema, singular loucura;
Antes a morte desejar constante,
Já que o amar-te não me dá ventura!

M. A. Calazans Peixoto.

A

S. D. C. J. de Abreu Costa.

Formosa virgem celesse
Tu viste

O triste mundo animar,
Como estrellá que ao errante
Mareante

O temor vem minorar.

Es qual écho mavioso
E saudoso,
Que das fregas da solidão,
Ao viajar fatigado
Manda um brado
De paz e consolação!

Ès tu fresca qual a brisa
Que suvia
D'estiva tarde o calor;
Qual corrente que murmura
Na espessura
Com sussurro inspiradór.

Como o Iris que tão lindo,
Descobindo,
Na serração vem fulgir,
Tú com ligeira esperança
De bonança
Dulsificas meu porvir!

Esse angelico sorriso
Que diviso
Nos teus labios virginaes,
Do céo imagem serena
Quam amona
Faz a existencia aos mortaes.

Meiga pon-binha, consente
Levemente
O ouvir arrulhos teus;
Es do Empyreo n'ensaieira
Prazenteira
Que trazes benções de Deos!

Teu accento doce e brando,
Escutando,
O meu fado esquecerei;
E o meu viver de tristura
P'la ventura
Oh! donzella trocarei!..

Rio, 19 de Fevereiro de 1858.

José Leite do Azevedo.

Versos chistosos

de diversos autores, antigos e modernos, que se cantam em fado ou por distracção.

Eu quero bem ás mulheres
Porque d'ellas sou nascido;
E na quero que ellas digam
Que sou mal agradecido.

O vento me abriu a porta,
Pensei eu que era Joana
Oh! louvado seja Deos,
Até o vento me engana!

Estas meninas de agora
Não querem senão casar,
Botam panela no fogo,
Não a sabem temperar.

Quem me dera ser a pulga
Bicho de tanto valor,
Que anda por certos lugares,
Et cætera, sim senhor.

Vossê me mandou cantar
Pensando que eu não sabia;
Eu não sou como a cigarra
Que cantando passa o dia.

Menina da saia branca
Com lçoço da mesma côr,
Pêdo a teu pai que te case,
Que eu serci o teu amor.

Meu amor stá mal comigo
Eu não sei por que motivo;
Que me importa, lá se aventa;
Não é d'amores que eu vivo.

Tanta Franja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração!

Olha a maldita da pomba
Onde foi fazer seu ninho,
Da laranjeira, mais alta
No derradoiro gullinho!

Laranjeira pequenina
Carregadinha de flores;
Eu tambem sou pequenino
Carregadinho de amores.

Dá-me a chave de teu peito
Quero abrir e quero entrar;
Quero ver si dentro d'elle
Acho outro em meu lugar.

MAXIMAS

da collecção do tradito portuguez o conselleiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

Homens.

— Os homens são como as grimpas, que não se lixam senão quando estão enferrujadas.

— Os homens não ganham em serem vistos de perto; a perspectiva é o que lhes convem mais.

— Ha alguma cousa de bom ainda no peor homem, e de máo ainda no melhor; tal é a sorte da humanidade, e a prova da sublimidade da nossa origem e da fragilidade da nossa natureza.

Charada.

A primeira com a segunda
Sou ave..... 2
A terceira com a quarta
Ave sou..... 2
CONCEITO.
Ave sou.

As charadas do n. 930 são *Mangaba*, e *Camaleão*. A do n. 931 é *Repertorio*.

João José de Sousa Christino

successor de Joaquim Manoel da Silva

1031

loja de miudezas de armarinho

428—Rua da Sabão—428

tem sempre um rico e completo sortimento de rendas, entremeios e puntinhas de linho, o melhor que se pode encontrar, e hem assim um rico sortimento de miudezas e objectos de gosto, que se vendem por atacado e a varejo por preços commodos.

Rio de Janeiro.

Typographias de Paula Brito
Rua da Caca n. 40 e pr. 5. da Constituição n. 64.